

## Homenagem a Alfredo Keil e Lopes de Mendonça

Dois nomes andam ligados através de uma época agitada da vida portuguesa.

A Inglaterra afrontara Portugal enviando-lhe um *ultimatum*. A dignidade da Pátria sentiu-se ferida e um movimento nacional estendeu-se por tôdas as camadas sociais levantando, bem alto, o nome do nosso país.

Nesse tablado, no meio dessa fogueira imensa de indignação, o patriotismo escaldando os cérebros, surgiram dois nomes subscrevendo um hino que é um brado de revolta e um grito de alma de um povo que se sente vexado: a *Portuguesa*.

Lopes de Mendonça, que espalhou o seu talento por diversos géneros literários, como o teatro, a poesia, narrativa histórica, investigador, etc., escreveu os versos heróicos que constituem o hino nacional.

Alfredo Keil, pintor e músico, compôs a melodia inspirada no *Fado*, na *Marselhesa* e na *Maria da Fonte*, como êle mesmo confessou ao seu colaborador no hino-resposta às arremetidas inglêsas.

Diffícil se tornava adaptar a letra à música, e Lopes de Mendonça, convidado pelo músico, deu-nos os versos



Alfredo Keil



Lopes de Mendonça

admiráveis que o povo cantava, num desabafo pelo insulto que o arrogante leopardo inglês lhe dirigia.

A Câmara Municipal de Lisboa vai prestar homenagem a êstes dois vultos que incarnaram o sentimento patriótico numa data em que os crepes cobriam a estátua de Camões, como um luto que envolvesse a nação, representada pelo poeta que a exalçara na sua imortal epopeia: *Os Lusíadas*.

As homenagens da Câmara Municipal ao poeta e ao músico, são a perpetuação dos seus nomes em locais da cidade.

Um está imortalizado, com o seu nome atribuído a uma praça pública, até que uma nova edilidade pense em modificar a toponímia municipal. Uma lápida atestará o feito do inspirado maestro, que com tanta elevação compôs o hino de revolta que, mais tarde, como canção heróica, ecoou nos campos da Flandres e nas selvas de África, guiando os soldados à vitória.

Lopes de Mendonça terá também a sua consagração. A praça José Fontana será dado o seu nome.

Por quanto tempo durarão estas consagrações?

Sempre em constante mutação, a toponímia citadina, oxalá que êstes dois nomes nunca mais desapareçam dos lugares onde forem gravados, ficando a atestar o grito de revolta da alma nacional pela afronta do estrangeiro.

## Almada Negreiros premiado num concurso internacional de filatelia

Já foi em Dezembro que se passou o facto e só agora é do conhecimento do público.

Por essa época realizou-se na Flórida (Estados Unidos da América do Norte) uma exposição internacional de selos e medalhas, promovida pela Universidade de Tampa.

Vários países concorreram a êsse certame e entre êtes Portugal, que viu classificar-se por unanimidade — atribuindo-lhe o júri o primeiro prémio, da classe 29 (Estampilhas de posta aérea dos países sul-europeus) — um trabalho do pintor José Almada Negreiros, grande artista do lápis e decorador cujo talento se revela nos vários vitrais que tem executado.

Não é vulgar um artista nosso conquistar loiros no estrangeiro, tão malbaratado anda o talento dos nossos pintores, sem carinhos nem auxílios.

O caso de Almada Negreiros enche de orgulho a a todos os portugueses e serve de estímulo aos que se sentem desiludidos.

Bem fez o govêrno português em concorrer a essa exposição, porque dessa forma tornou conhecido, no estrangeiro, o que pode a arte e o talento nacional, em confronto com os outros países do mundo.

## Auto-Mecânica, Cooperativa de Transportes

Em todos os grandes centros, onde a civilização e o progresso assentaram arraiais, se vêem cruzar as grandes artérias, ladeadas por enormes legiões de transeúntes, os «auto-omnibus» confortáveis e onde o público viaja por irrisório preço.

Acabaram-se as ramadas que tanto desfeiam as cidades; e essa interminável rêde de fios cruzando-se sôbre as nossas cabeças, é uma perigosa armadilha donde, a cada momento, a morte nos espreita.

O progresso não admite já os carros eléctricos inestéticos e desconfortáveis, passando apenas em determinadas ruas, deixando outras sem serviços de comunicação acelerada.

Assim pensando, e atendendo ao excessivo custo de cada passagem num carro eléctrico actual, um grupo de pessoas constituiu-se em sociedade cooperativa para, desta forma, usar transportes mecânicos que lhe satisfaçam as necessidades.

Uma coisa havia que constituía sério obstáculo à realização desta ideia: o contrato existente entre a Câmara Municipal e a Companhia Carris. Mas, como qualquer pessoa pode constituir-se em sociedade com outras para comprar um automóvel para seu uso particular, uma cooperativa pode, pois, adquirir um ou mais «omnibus» para a deslocação dos seus associados.

Desta forma a Carris, por certo, vê-se em sérios apuros para conseguir a proibição dêsse processo de transportes, que de algum modo lhe vem afectar a receita costumada.

A frente desta cooperativa encontra-se o sr. engenheiro Plínio Silva, espírito moderno, alma dêste empreendimento. Brevemente teremos em Lisboa os «auto-omnibus» a tornar a nossa capital semelhante às grandes capitais do mundo.